

Boletim

“O

GABELENSE”

Associação dos Naturais, Ex-Residentes  
e Amigos da Gabela  
Rua Américo Durão, Lote 13 C2 - 5º DIº  
1900 LISBOA  
Tel. 8482323

Ano I - Nº 3 / Dez. 1998



## *Nesta edição*

O OURO DA GABELA

*Pág. 3*

*Cartas*

MUCANDA DA GABELA

*Pág. 4*

*DE JEEP A BISSAU:*

As Aventuras de um Gabelense

*Pág. 6*

UMA VIAGEM INESQUECÍVEL

*Pág. 10*

HOMENAGEM

AO IRMÃO CÂNDIDO

*Pág. 14*

FESTIVAL DESPORTIVO

*Última Página*

## EDITORIAL

O tempo e os êxitos obtidos encorajam e confirmam a necessidade de continuar-mos a editar o nosso boletim, como elo de ligação dos "gabelenses", no desejo único de, com sinceridade, levarmos a cada um as recordações de tempos que, volvidos tantos anos, ainda continuam a ser uma razão forte da nossa vivência, porque recordar é viver...

Separados e espalhados por todo o País, o nosso boletim é o único meio de contacto. A esperança do aconchego, do calor que queremos fazer chegar a todos, clientes de que assim prestamos um bom serviço que, além de agradar, é um retemperador de energias para os que, como nós, fazemos da saudade a força do nosso viver...

Com este sentimento, insistimos que o nosso boletim sobreviverá se tivermos muito apoio, o apoio de todos. São indispensáveis colaboradores que nos enviem os seus artigos, que recordem momentos que dêem prazer aos leitores, que contribuam para que, cada vez mais, o nosso boletim seja apreciado e acarinhado pelo valor do seu conteúdo.

Para além de leitores, desejamos que colaborem. Dêem as vossas opiniões.

Cooperem, pois o boletim é de todos os gabelenses.

*A Direcção da Associação*

## UM ESCLARECIMENTO !!!

Estranharão os leitores não inserirmos neste boletim, ANÚNCIOS, cuja intenção, da nossa inteira responsabilidade, era dar a conhecer, aos gabelenses, actividades exercidas por associados (ex-residentes da Gabela) da nossa Associação, estabelecendo assim um ponto de relacionamento, para os que se deslocassem terem uma referência e poderem estabelecer contactos, proporcionando um convívio de amigos que, no passado, tiveram algo de comum.

Não chegamos a aperceber-nos se a intenção resultou se proporcionaram contactos, porque nunca fomos contactados dando-nos conta de situação que tenham ocorrido.

É um facto que a inserção dos anúncios

foram da nossa inteira responsabilidade, sem encargos ou interesses publicitários dos quais adviessem proveitos para a nossa Associação.

Os contactos informais fizeram-se quando, ocasionalmente, visitámos gabelenses e depois fizemos inserir a publicidade através de cartões que recolhíamos nos estabelecimentos que visitámos.

Gostaríamos de continuar a divulgar actividades exercidas pelos País por gabelenses, com o mesmo fim: proporcionar encontros e relacionamentos que interessem a todos.

Basta que nos contactem se houver interessados.

*A Direcção da Associação*

## NOTA CORRECTIVA

No nosso último boletim, Ano I – Nº.: 2/Jun 1998, cuja distribuição se fez no mês de Junho, coincidindo com o nosso Encontro, foi publicado o artigo "E SEMPRE A TÃO CANTADA E DECANTADA LIBERDADE" bem como o poema " FILHOS DO MAR ", respectivamente nas páginas 12 e 14, ambos atribuídos a Silva Carvalho quando estes são da autoria do nosso amigo, e também colaborador do nosso boletim, o gabelense Dr. LUÍS DE SOUSA a quem, pessoalmente e em devido tempo, apresentamos as nossas desculpas pelo lapso involuntário. Evitaremos, futuramente lapsos idênticos, que muito lamentamos.

GRATOS PELA COMPREENSÃO

*A Direcção da Associação*

### FICHA TÉCNICA



**Propriedade:** Associação dos Naturais ex-Residentes e Amigos da Gabela

Rua Américo Durão, lote 13 C 2 – 5º Dtº – 1900 LISBOA – ☎ 01/848 23 23

**Redacção:** Todos os Gabelenses

**Composição Gráfica e Paginação:** Elsa de Almeida

**Periodicidade:** Semestral

## O OURO DA GABELA

António da Cunha Brochado. Você conhece? Claro que sim. O enfermeiro Brochado, o nosso enfermeiro Brochado, viveu na Gabela durante largos anos, tratou-nos, socorreu-nos, deu-nos conselhos e iluminou-nos com a sua presença. Conhecemo-lo no velho sindicato, onde um dia o procurámos para nos tratar de uma qualquer mazela. Atendeu-nos como se já fôssemos amigos de longa data, com atenção e com uma amabilidade (na altura nada habitual no ramo) que nos sensibilizou.

António da Cunha Brochado, nasceu na rua da Cedofeita da cidade invicta, no dia 20 de Dezembro de 1912.

Como apareceu na Gabela? – O elegante Brochado, teve a tentação de "ir para África", quando trabalhava na Real Companhia Velha (Vinho do Porto). Visita de africanistas aguçaram-lhe o apetite de melhor vida.

E abalou...

António fez a tropa como enfermeiro. Depois, foi até à capital tirar o curso na Escola de Enfermagem Artur Ravara. No Hospital dos Capuchos teve a prática e foi onde aprendeu a salvar vidas e a ser solidário, coisa fácil para quem sempre seguiu os preceitos da sua Igreja.

Talvez pouca gente saiba de um episódio marcante na sua vida:

Fulano, casado com uma mulher bonita, toda embonecada que dava nas vistas – coisa proibida naquela terra de muitos homens de olho arregalado – tinha um filho, traquinas e muito amado – que, um dia, quando Deus olhava para o outro lado do mundo, adoeceu gravemente. Ninguém sabia o que tinha. Ao colo da mãe e com o pai ao lado, correram com ele ao delegado de saúde – acuda-me senhor doutor que o meu santinho morreu! – e o fulano dr. com um olho no doente e o outro na mãe, imbe-



cilmente arrotou: – isto não é sítio para se vir toda pintada, fora daqui, o miúdo que vá morrer a casa! (Outros tempos!). Certamente por incompetência. Procuraram o Dr. Rosa. Não estava! – Vamos ao Sr. Brochado. Lá foram. O que tinha? Uma doença macaca, uma doença de intestinos. Rapidamente diagnosticada, havia que fazer o tratamento. Mas... calma aí! O prudente Brochado foi ter com um médico que na terra se encontrava em férias e apresentou-lhe o caso. O sábio Dr. confirmou-lhe o diagnóstico e autorizou-o a avançar com o tratamento, que resultou! E o enfermeiro, de consciência tranquila, em paz com Deus e com os homens, continuou a sua vida como se não tivesse acontecido nada, na certa mais satisfeito do que o rabugento médico-delegado.

Mas antes, muito antes, o António foi apanhado pela ponta do coração. Conhecer Emília, por quem se apaixonou, não descansando enquanto não casou. E ela correspondeu-lhe dando três filhas e um amor tão grande, tão forte que, vejam só, já

dura há 65 anos. Nem mais!!!.

Mas Brochado foi também vereador da Câmara. E, no sindicato, foi também secretário-privativo. Um homem atarefado! Deixou obra na Gabela. E que bela obra!

As gentes de Mazungue, ao que sei, estão satisfeitas. Tiveram a sorte de conviver com um grande profissional e, simultaneamente, com um grande HOMEM.

Afinal, no seu regresso, não trouxe a "árvore das patacas", nem as patacas. Trouxe, isso sim, os agradecimentos e as bênçãos dos gabelenses.

Para terminar, transcrevemos o relatório do Sindicato Nacional dos Empregados do Comércio e Indústria da Província de Angola – Secção Distrital do Cuanza Sul – Gabela 1972:

"Enfermeiro

António da Cunha Brochado

Após uma permanência de 22 anos ao serviço desta Secção, como Enfermeiro e, ainda, como Secretário-Privativo, cargo que por acumulação exerceu durante longo período – foi agora transferido a seu pedido para a Sede do Organismo, em Luanda, o nosso colaborador Senhor António da Cunha Brochado.

Em reunião de Direcção, oportunamente realizada, foi deliberado mandar exarar em Acta um Voto de Louvor ao referido colaborador, pela competência, zelo e dedicação com que durante estes anos serviu a Secção. – Propormos que esse voto seja não só ratificado pela Assembleia, como também que a própria Assembleia a ele se associe, como é de justiça."

Bem-haja Senhor António da Cunha Brochado!

Francisco Nazaré

## CARTAS

# MUCANDA DA GABELA

Dedicado à memória do meu filho Paulo  
Jorge (o meu Joca)

... Lembras-te, Monangambé (1)"?!

Como eram lindas, tão lindas aquelas tardes da Gabela, quando o Sol desaparecia lá atrás, para lá da igreja, lá para trás da pedra do hospital...

Como eram lindas, tão lindas aquelas tardes da Gabela, quando o Sol, visto daquela pedra do hospital, a que eu e outros miúdos também chamávamos pedra das kúitas (2), descia de mansinho e se escondia para além das copas das inúmeras, enormes e frondosas árvores que, com ostentação de grandiosidade ímpar, se estendiam, lá mais abaixo, em todo aquele imenso verde, qual encapelado mar sem fim ondulado sobre vales e montes na imensidão da floresta, na imensidão das portentosas matas do Amboim, cuja lonjura, dali, da pedra do hospital, se perdia no suave e nostálgico esbatimento do horizonte!



Como eram lindas, tão lindas aquelas tardes da Gabela, quando as astutas e furtivas kúitas (2), que raramente se vêem mas que, a cada passo, se ouvem em agudos e desconcertantes guinchos, num arrastar coaxado, que ecoam dissonantes, ora aqui, ora ali, assim como que em jeito de toque de recolher "sui generis", provindos de lugarejos indistintos e indecifráveis - descansavam mandrionas nos derradeiros instantes do dia, sob o sopro cálido do entardecer, deitadas, em moldes indolen-

tes de coelho espojado, naquelas colossais fragas de granito - disseminadas na vastidão do matagal luxuriante e prenhe de sortilégio -, em cujas fendas e buracos, partilhadas com serpentes, muitas vivem e se escondem de intrusos e de predadores.

Como eram lindas!...

Lembras-te quando as anducas, vestidas de plumagem com a policromia de um belo e indescrivível fruta-cores contrastando com os seus vozeirões enrouquecidos,





entoavam, em coro, cantares atroadores que espantam a floresta e soam como que para afugentar a tenebrosa noite que, em passo rápido, se avizinha do matagal com o qual se confunde para, depois, lá mais adiante, fazer ecoar o tam-tam longínquo dos tambores africanos, o uivo lúgubre de lobos esquivos e os sinistros choro e riso de hienas traiçoeiras?

Sabes do que te estou a falar?!...

Outras, ainda... Monangambé(1)!... eram também, a seu jeito, tardes lindas... diferentemente lindas... e certo! Aquelas tardes... exactamente aquelas tardes de nevoeiro tão bem retractadas pelo pintor Neves e Sousa, nos seus belos quadros de realismo saudoso!

Eram as tardes de céu cinzento, plúmbeo, pardacento, em que o Sol, enverganhado, se escondia, durante dias e dias, por detrás de densa cortina de ar húmido, enfumarada pela compactagio de gofículas ascendentes que, de pesadas, acabavam por cair em moldes de chuvinha miudinha, dando cor e sabor particularíssimos ao verdadeiro e típico cacimbo do Amboim.

Era, então e com facetas que tais, o Amboim em toda a sua pujança.

Era, ou é?...

Sabes do que te estou a falar, Monangambé (1)?!...

Tu sabes!...

Estou a falar-te, repara, de tantas e de tantas outras coisas... que não têm conta.

Não sei muito bem, Monangambé(1), se essas coisas, para ti, ainda são ou se apenas foram assim.

Por isso mesmo, esta carta, umas vezes parece do passado quando deveria falar do presente; outras vezes, parece do presente quando deveria falar do passado.

Compreendes-me?!...

Tudo é confusão!

Confusão é a noite profunda quando se entrelaça com a floresta, ali, naquele



emaranhado medonho; quando as kuítas (2), antes do recolher, guincham ou coaxam em indecifrável toada de hibridismo desconcertante, sem se conseguir saber muito bem se o som vem daqui ou dali; quando as anduas, com os seus cantares roucos e atroadores procuram, em coro, afugentar a noite das matas como que para não deixar o dia partir; quando os lobos uivam, as hienas choram e riem e o tam-tam dos tambores africanos soam em sortilégio nas lonjuras do escuro sem fim e na grandeza do matagal imenso.

Pois é... estou a falar-te, precisamente, disso; estou a falar-te de confusão; de

"makas", "marufo" e batucadas; estou a falar-te de coisas alegres e tristes; em suma, estou a falar-te da Gabela.

Não sei se esta será a minha última carta. Se outra houver, dir-te-ei mais coisas.

Ate lá, Monangambé (1).

(1) - Filho de ninguém, desgraçado, pária, sem eira nem beira e, como tal, susceptível de infundir comiseração

(2) - Daimão

*Luís de Sousa*



Av. Dr. Lourenço Peixinho, 174 – 3800 AVEIRO  
Tel.: 034.20641 / 034.20590 – Fax: 034.20577





Continuação do número anterior

Duas grande árvores convidavam, com sua sombra, a uma paragem para o almoço. Já se lá encontrava um casal de idosos alemães (65 anos) que iam levar um jee-pão mercedes a um filho que trabalhava na Mauritànea. Coincidência.

– Nós também vamos levar um jeep a um filho que temos na Guiné-Bissau.

Troca de drinks. Uma amizade e resolvemos seguir juntos.

Em Reganne terminava o asfalto. Uma barreira de polícia e à nossa frente estendia-se o grande deserto de areia com uma pista de alguns 300 quilómetros de largura.

– Não podem passar, enquanto não forem à Protecção Civil.

Aí, preenchimos uns grandes questionários, onde tivemos de deixar escrito a direcção para onde comunicar, no caso de desaparecermos. Nas paredes, os nomes de indivíduos que entravam pelo deserto e nunca mais foram vistos. Algumas fotografias enviadas pelos familiares a perguntar se sabiam do seu paradeiro. A seguir, a inspecção dos veículos. Tinham de apresentar boas condições de mecânica, tínhamos que levar 20 litros de água por pessoa e o dobro do combustível do depósito, medicamentos, uma bússola, comida, alguma ferramenta e óleo do motor.

– Agora podem seguir. Tudo o que vos acontecer é da vossa inteira responsabilidade.

Ao ouvirmos isto, eu e o alemão olhámos um para o outro e ele diz-me:

– Estou com medo!

– Eu também! – respondi-lhe.

– No entanto, vamos dormir por aqui perto (uns cem quilómetros) e amanhã se resolverá.

Já ao anoitecer, parámos. Debaixo de um luar resplandecente e repousante, jantámos e dormimos.

No dia seguinte, a coragem era outra: resolvemos prosseguir. Por volta das dez da manhã, uma tempestade de areia dificultava-nos a visão das balizas. Estas são constituídas por um poste encimado por um farolim, que durante a noite dão uma luz intermitente, alimentada por uma bateria solar. Como a distância entre ambas é muito



longa (20 a 30kms), entre cada uma há sempre uns indicativos da rota: um pneu velho, um tambor, um carro abandonado.

Assim, e ajudados pela bússola, lá seguimos.

Duas da tarde. Vamos bem! Um grande pilar no meio da areia indicava-nos 23°-27'-30'' e Borg-Moktar para o sul. Passávamos o trópico de Câncer. Resolvemos despedir-nos dos alemães, pois o veículo deles era muito lento. O sol a pôr-se e Borg-Moktar à vista. Uma base militar e um grande acampamento de Tuaregs dão vida àquela povoação.

Dois casais de holandeses acampados junto à alfândega, informaram-me que a fronteira se encontrava fechada. Estava com problemas num escape partido e perguntaram-me se seria capaz de dar um jeito.

Emprestei-lhe um serrote, encaixámos os tubos um no outro, aperfámos-os com uma braçadeira e estava tudo como novo. Mais uma amizade. Jantámos juntos, bebemos umas garrafas do Dão e resolvemos que no dia seguinte continuaríamos a viagem juntos até Gao. Aí eles derivariam para o oeste: Senegal.

Em Borg-Moktar as formalidades alfandegárias deixaram-nos decepcionados. Tiraram-nos todo o dinheiro argelino e deram-nos umas senhas com a indicação do número de litros de gasóleo que podia meter antes de partir.



– E o resto do dinheiro?

– Guarde o papelinho e, se um dia cá voltar, dirija-se a um banco, que eles entregam-lhe o dinheiro de volta.

Por esse problema, um dos holandeses envolveu-se em discussão com a polícia e esta deu-lhe ordem de prisão. Eu entrevi, apaziguei os ânimos e lá nos deixaram seguir.

Com os pequenos almoços no "papo" e os depósitos cheios, partimos para Tassiliit.

A meio da manhã, o calor já era muito – 40° a 50°. Resolvi entrar numa rotina: de meia em meia hora, comia cinco tâmaras, bebia meio litro de água com sumo de

limão, fumava um cigarro e bebia uns golos de whisky para arranjar coragem. Os holandeses bebiam café. Um tacho, de dois litros de cada vez. Queixei-me que a água quente me dava voltas ao estômago.

– Faça como nós. Embrulhe a garrafa num pano e molhe-o. Quando este estiver seco, experimente beber a água.

Era o "Ovo de Colombo"! A água ficava fresquinha como se tivesse saído de uma nascente. O fenómeno da evaporação provoca um abaixamento da temperatura.

*Próximo número: Mali*



**GOMARES**  
Exploração de Restaurantes e Hotelaria, Lda.

## RESTAURANTE "O CANTINHO"

AVENIDA CAROLINA MICHAELIS, Nº 35  
2795 LINDA-A-VELHA

TELEFONE: 01/419 08 22

# UMA VIAGEM INESQUECÍVEL

AOS MEUS EX-ALUNOS E EX-ALUNAS DO LICEU NACIONAL PEDRO  
ALEXANDRINO DA CUNHA, GABELA



Foi no ano de 1971. Eu exercia as funções de reitor do Liceu da Gabela, liceu recentemente criado, a funcionar pela primeira vez nas novas instalações da Escola Comercial. O director desta Escola lembrou-se de mandar os seus alunos fazer uma viagem a Moçâmedes, ida e volta, cerca de 1500 quilómetros, e convidou o reitor e os professores, alunos e alunas que quisessem ir. A excursão era, pois, constituída por docentes e alunos/as da Escola e do Liceu. Docentes da Escola Técnica iam, apenas, dois professores, «os olhos e ouvidos do rei», com a incumbência de dirigir o grupo.

Fomos todos num autocarro... bem, o director disse-me na ante-véspera: 'o condutor estava à espera ontem de uma peça de Londres para o motor. Julgo que já teria chegado. 'A coisa cheirou-me a esturro e pareceu-me um aviso premonitório. Mas

tentei esquecer.

Em toda a viagem tivemos o melhor e o pior que se pode desejar numa viagem de longo curso, a saber: avarias aos montes, algumas muito demoradas, assim, género 5, 10, 12 e mais horas. E tivemos, além do desconforto de terras como Benguela, tratamento VIP em Moçâmedes porque eu conhecia lá muita gente, estive lá vários anos e fiz anunciar previamente a nossa chegada. O que não aconteceu no resto da viagem. Sem uma planificação da viagem, sem garantia de estadia e restauração, uma viagem à sorte! Nova Lisboa também nos recebeu bem.

Pegando no primeiro aspecto, direi que tivemos nada menos que sete avarias. A primeira, de uma hora, à saída, a 20 quilómetros da Gabela. A segunda, nas Cachoeriras, a meio caminho de Novo Redondo, foi motivo para mandarmos o Prof. Manso,

com o carro de apoio, a descomprometer o almoço. De todas, a mais demorada e mais grave obrigou-nos a passar uma tarde e uma noite na estrada. As avarias não tinham tempo nem espaço para acontecerem. Era onde e quando calhava. Desta vez, foi em plena estrada, sem apoio logístico. Eu e o Manso andámos em frente, no Renaul 5, e demos com uma pousada a dois quilómetros. Mas como fazer sair o autocarro até lá? Quis a Providência que, no início, por ali passasse um senhor com um grande tractor. Bom achado! - dissemos. E convencemos o homem a rebocar o autocarro para a estalagem onde se dançou, conversou, comeu e dormiu no autocarro, que a estalagem não tinha cómodos para tanta gente. Recordo-me que aqui foi festa rija, à grande, onde a alegria foi a moradia da festa.

Lá mais para a frente, quando está-



vamos a 20 quilómetros de Moçâmedes onde havia muita gente a contar connosco, deu-se um contra-tempo: a dificuldade de passagem de um pontão de madeira cujas margens estavam encobertas por motivo da cheia da grande chuvada que desabara nesse dia. É curioso que em Moçâmedes nunca chove, mas a 50 quilómetros chove a potes. Quando chegámos, estava um camião a tentar passar por entre mil dificuldades e cautelas. Mas lá passou. Se ele passou, dissemos, o nosso autocarro também tem de passar. Mas vivemos todos momentos de ansiedade e dramatismo. Só a perícia do condutor - «a bista é réuga» - , e as indicações do exterior, conseguiram livrar-nos do perigo. Chegámos a Moçâmedes, encontrámos a directora do Colégio das Freiras há duas horas na escadaria à nossa espera. Ela e o jantar. Já eram 11 horas da noite, santo Deus!

A avaria seguinte deu-se a 50 quilómetros de Sá da Bandeira. Nesta altura, já o Cecílio Moreira, director do Centro da M.P., onde ficaríamos instalados com requinte, sabia que chegaríamos a horas de jantar. Claro, que não pudemos ir comê-lo. E tivemos que o pagar! Chegámos a Nova Lisboa ao outro dia, pelo raiar da aurora. E toda a noite a andar! Foi preciso destacar um vigilante permanente, com rotatividade, para distrair o condutor durante a noite toda que durou a viagem até Nova Lisboa, para se não deixar adormecer. O que foi executado com êxito.

Nova Lisboa – almoço, dormida e almoço no dia seguinte. Tirámos a barriga de misérias e vingámo-nos no almoço. Depois deste, gerou-se acesa polémica: os dois profes da Escola Técnica teimavam em que regressássemos nessa tarde à Gabela. E a razão convém explicar: eles, face às várias circunstâncias anómalas da viagem, perderam-lhe de todo o controle e estavam agastados pelo pouco préstimo que pude-



ram oferecer. Passaram a ser completamente esquecidos e ignorados, também porque não estava nas suas mãos remediar as situações várias com que deparámos. E passaram de companheiros directores a professores despeitados. Estavam, naturalmente, com pressa de chegarem a casa. A maioria teimava em dizer que não. Eu era desta opinião. Mas, por fim, eu quebrei e comigo todos os defensores do não: - concordámos em partir. À saída de Nova Lisboa... PUM! Um grande estouro. Todos, instintivamente, pararam de cantar e bateram palmas. O motor tinha dado um grande estouro, o que significava que regressaríamos ao Cecílio Moreira. O que aconteceu. Cada um por seu pé. O autocarro só esteve pronto ao outro dia, de tarde.

Mas regressemos a Moçâmedes. Tratamento VIP. As meninas e professoras ficaram instaladas nas belíssimas instalações do Colégio: comer e dormir em 1ª classe – soubemos, no fim, que de borla. Os rapazes e professores ficaram no Hotel Moçâmedes do amigo Campos. Durante dois dias foi um fartote delirante. Moçâmedes merecia ser vista: a Praia das Miragens, a belíssima, a famosa, a paradisíaca; as Festas de «Moçâmedes, Mar e Março»

em pleno esplendor. A visita ao Deserto do Namibe onde todos puderam extasiar-se com a imagem das 'miragens' em profusão e com a «welvitschia mirabilis», planta única no mundo que se podem ver ao quilómetro 32 da estrada para Porto Alexandre. E, mais importante do que tudo: a plena liberdade do «dolce farniente» com cama, mesa, passeios e folguedos de borla. A Gabela tinha dado nas vistas, Moçâmedes, vivia alvoroçada. À meia noite, as meninas que dormiam a sono solto, começam a ouvir uma voz feminina que dizia: «levantem-se meninas, vão à janela, que estão lá fora rapazes a saudá-las» - era a voz da directora, imagine-se! E elas, todas ensonadas e pressurosas, lá foram postar-se às janelas! Um espectáculo! A juventude de Moçâmedes a enaltecer - com saudações e cânticos, a fina-flor da juventude feminina da Gabela! Mas as noites eram todas delas. Podiam regressar à cama à hora que quisessem. Tinham é que se entender com a minha mulher que, levando com ela a chave, passou a ser a porteira ou, melhor, a fiel guardiã das chaves do Colégio, numa cerimónia breve e inesperada, nada costumeira em gente de hábitos freiráticos. Um espanto de freira, a directora!

Realmente, depois de tantos percalços, já merecíamos gozar as delícias de Cápua. O que aconteceu em Moçâmedes. Porque a noite anterior, tinha sido muito mal dormida: em plena estrada! Mas os que pensam que alguém ficou agastado por isso, engana-se. Alegria, a todos; danças e descantes, sem medida; conversas e dichotes, sem cessar. Tudo numa boa!

A noite anterior a esta foi antecedida de cenas recamboliscas dignas de um filme de suspense. Chegados a Benguela, não tínhamos onde dormir. Por isso, bati à porta do amigo Prof. Lobato que tinha estado comigo em Moçâmedes e, durante três horas, santo Deus!, foi preciso arranjar uma camioneta; foi preciso carrer camas (de ferro) e colchões do Hospital; foi preciso arranjar roupas e almofadas. E foi preciso montar todas as peças para a função do deitar. Para 45 pessoas. Com a agravante de ser preciso separar os sexos. E as instalações? Foi numa Escola Primária: uma sala para os rapazes, outra, já se vê, para as raparigas. Nem todos acreditavam que a operação «deitar» viesse a ter um «happy end». A dr<sup>a</sup> Odete, do Liceu, já chorava: como todos nós, estava cansada, saturada, suada, chateada, desesperada - a preclar de dormir e tomar um banho. Lá dormir,



pela meia noite, lá se deu o jeito. Quanto a tomar um banho...o melhor era tirar daí o sentido.

E a função de comer? Como era ela preenchida por tantas bocas, não só aqui, mas durante todo o percurso da viagem? Não me lembro já, o que significa que isso nunca foi grande preocupação. A verdade é que sempre nos desenrascámos bem. Nunca sentimos que isso tivesse sido problema. Não me perguntem como se explica. Não me lembro. Mas comeu-se bem, muito bem em Moçâmedes e em Nova Lisboa. Só fiquei com saudades da lebre

que ofereci ao Cecílio Moreira. Não era uma lebre a que o prof. Manso 'enRenaut' na noite da viagem para Nova Lisboa, nu-manesga da estrada e teve a amabilidade de me oferecer. Era um senhor lebrão. Ó Cecílio Moreira, saca para cá essa lebre! Essa lebre é nossa, queremos comê-la! Mas já era tarde. Não se deve reclamar o que se oferece. Mesmo precipitadamente.

E os dois professores que o director tinha enviado a supervisionar a excursão? Só demos pela sua falta na tarde em que regressámos à Gabela. Onde se teriam metido? Desde quando teriam desaparecido? Era caso para entregar ao Patilhas e Ventoíinha dos 'Parodiantes de Lisboa' ou a uma empresa especializada em perdidos e achados. Pensando bem, chegámos à conclusão que deixaram de ser vistos a partir daquele PUM! feito pelo motor, à saída Nova Lisboa. O que é certo é que, quando chegámos à Gabela, julgávamos ter direito ao descanso do guerreiro, às boas-vindas festivas por parte dos pais dos alunos e alunas. Mas não. Estes estavam furiosos. E deitavam sobre mim as culpas de uma viagem desastrada e desastrosa, na opinião deles.

Mas a verdade é que a viagem – todos





estávamos de acordo, foi a coisa mais maravilhosa que houve. Porquê este agastamento dos pais? É que os dois emissários, que tinham chegado na véspera, disseram cobras e lagartos contra a excursão e, sobretudo, contra mim que, a certa altura, tive que tomar nas minhas mãos a boa sorte da viagem.

Acontece só que esta viagem foi a coisa mais extraordinária, mais maravilhosa, mais espantosa, mais agradável, mais alegre e divertida, mais sensacional e gratificante, menos aborrecida, menos sansaborona, menos desagradável que imaginar se possa. Nunca, nem em tempo, nem em espaço, se viu uma cara triste e enfadada; nunca se ouviu nenhuma palavra de queixume, de censura ou de repreensão; sempre vimos todos e todas entretidíssimos: ou a conversar animada ou naturalmente; ou a dançar nos espaços abertos que tinham o alcatão por palco e o céu por tecto, ao

som de um gira-discos que um brincalhão em boa hora se lembrara de levar. Ou a dormir a sono solto ou a conta-gotas, na camioneta ou num espaço qualquer. Enfim, uma viagem que foi uma festa permanente; que teve o esplendor dos dias felizes; que a todos uniu num sentimento ímpar de solidariedade, convivência e amizade. Num palavra, esta foi a viagem mais maravilhosa que tínhamos feito até ali.

Eram estes os trunfos que podia exibir junto dos pais que me responsabilizavam pelo insucesso da viagem. Mas como poderia eu convencê-los? Ó S. Cristóvão, valem nesta aflição!

Por isso, depois de ter ouvido as queixas dos pais, eu disse para os alunos e alunas: - Se amanhã vos convidasse a acompanhar-me para outra viagem semelhante, vocês acompanhavam-me?

- Sim, acompanhávamos! - foi a resposta que se ouviu em coro.

Então, os pais puderam sentir como eram aleivosas e cheias de má fé as palavras vociferadas pelos dois falsários, pelos «olhos e ouvidos do rei».

E, assim, puderam todos e todas regressar a suas casas cansados, mas esfusiantes de alegria. A acalmia dos dias seguintes fora prenúncio de que, na verdade, tudo tinha corrido a contento de todos.

E o condutor? - perguntarão com toda a razão. Coitado! Não teve um minuto de descanso. E, possivelmente, não teria ganho para a viagem. Valha, ao menos, a verdade: nunca ouviu da boca de ninguém a menor palavra de protesto, de censura ou de insatisfação e sempre foi rodeado da maior compreensão e paciência, face às constantes anomalias da viagem.

Artur Neto Gonçalves

1º Reitor do Liceu da Gabela



# HOMENAGEM AO IRMÃO CÂNDIDO

**Não se trata da vida de uma pessoa qualquer. Sempre são 72 anos de vida ininterrupta. A vida de um Irmão da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus.**

**Ao serviço dos doentes. Sempre fazendo o bem.**

**«Não fui mais do que um instrumento nas mãos de Deus. Deus é que fez, é que me inspirou. Deus, quando quer fazer uma coisa grande, vai buscar gente sem grandes diplomas. Assim, fica mais à vista o amor de Deus.»**

*Entrevista conduzida por Artur Neto*

1926-1998. A distância entre estas duas datas é a mesma que separa a data do ingresso na Ordem Hospitaleira de S. João de Deus, no Telhal, do Irmão Cândido, tinha, então, 13 anos, da data em que estamos presentemente.. Não se trata da vida de uma pessoa vulgar, mas da vida de um irmão de S. João de Deus sempre devotado ao serviço do próximo. Feitas as contas, são 72 anos fazendo o bem Sempre fazendo o bem.

Assim sendo, é-nos grato dirigir-lhe algumas perguntas para nos desvendar alguns passos mais significativos da sua vida de religioso activo.

O ARAUTO: - Irmão Cândido, como surgiu, num momento tão afortunado da sua vida, a ideia de ingressar numa Ordem Religiosa que ensaiava os seus primeiros passos em Portugal?

IRMÃO CÂNDIDO: - Surgiu por dois motivos: a minha mãe, de sentimentos religiosos muito profundos, lamentou-se um dia: «quatro homens (eu era o mais novo de 4 irmãos) e nenhum quer ser padre, nem frade». Ora bem! Um dia, passaram na minha terra uns frades, Irmãos de S. João de Deus, e um deles disse-me: «Ó menino, queres ir para o convento?» A minha mãe ficou toda contente e, pouco tempo depois, estava no Telhal. Ao todo éramos oito Irmãos religiosos e fundámos a Escola Apostólica.

A. - Em que moldes funcionava esta Escola Apostólica?

I.C. - Era, ao mesmo tempo, um espaço de escola e de trabalho. Os espanhóis que tinham vindo a ajudar-nos, nestes primeiros passos, ensinaram-nos muitas coisas.

A. - E já tinham doentes, nessa altura?

I.C. - Sim, já tínhamos, alguns doentes mentais.

A. - E onde iam buscar os proventos para todos, inclusive para os doentes?

I.C. - Nessa altura não tínhamos pensões, nem subsídios. Tínhamos que pedir esmolas para sobrevivermos. Passado pouco tempo, entrei para o serviço dos doentes em cheio, isto é, a tempo inteiro. Umás vezes estava de serviço de dia, outras vezes, de noite. Até que passei para chefe dos nocturnos.

A. - Calculo que fivesse muito trabalho, dada a qualidade dos doentes...

I.C. - É claro, que não havia os grandes tratamentos que há hoje. Fazíamos tratamentos de hidroterapia, de duche escossez para os deprimidos, dávamos injeções de leite, alguns tinham que ser algemados...

Passei, depois, a encarregado da rouparia. Mas a par destes serviços, ia subindo na minha formação religiosa. Em 1926 era Aspirante Escolar. Tomei o Santo Hábito no dia 18 de Março de 1930. A partir daqui, desapareceu o meu nome de baptismo. Chamava-me Aires da Costa e deram-me, então, o nome de Cândido. Em 18 de Março de 1931 fiz a Profissão Simples e em 15 de Fevereiro de 1937, a Profissão Solene.

A. - Mas não se ficou por aqui...

I.C. - Depois da Profissão Solene, fizeram-me Vice-Superior do Telhal. E era, também, o «relações-públicas» da Casa, porque me acharam com jeito para isso.

A. - Entretanto, a partir de certa altura, a imagem exterior do Irmão Cândido passa a estar mais ligada aos doentes do que aos Irmãos, sobretudo quando aumenta o número de doentes, quando eles são tratados aqui pelos médicos e quando a Casa de Saúde começa a ganhar nome... e o senhor passa a ser o rosto mais visível da Casa de Saúde do Telhal

I.C. - De facto, eu encontrava-me sempre em actividade, ligado aos problemas clínicos dos doentes que apareciam tanto nas consultas externas, como na Clínica e cedo ganhei a afeição dos médicos. O primeiro que exerceu aqui a sua actividade clínica foi o Dr. João Cebola, psiquiatra famoso que desde logo se afeiçoou aos Irmãos. Os médicos foram todos sempre muito meus amigos. Eu estranhava a confiança em mim, uma pessoa tão nova, tão inexperiente...

A. - Naturalmente, isso acontecia, também, porque tinha a confiança e a amizade dos seus colegas Irmãos e reconheciam-no como a pessoa

mais capaz de exercer semelhante actividade.

I.C. - Se assim não fosse, não me teriam nomeado «Enfermeiro-Mor». Tinha a meu cuidado um «Posto de Socorros» para gente de fora.

A. - E começou a alargar-se a sua relação com o exterior.

I.C. - Toda a nossa acção foi moldada segundo as ideias de um autor russo cujo livro dizia, no fundo, que o manicómio não podia ser só manicómio porque o doente mental tem todos os órgãos do corpo humano como os outros seres humanos e todos eles adoeçíveis. E, então, em vez de se levarem os doentes mentais aos consultórios e aos hospitais, era melhor fazer do manicómio um hospital polivalente também para se quebrar o isolamento e a incomodidade das pessoas.

A. - Era uma ideia inovadora...

I.C. - Era ainda o tempo em que havia vergonha de se ter um doente mental na família. A Província Portuguesa tomou conta do Hospital de Ponta Delgada e eu fui encarregado da secção de cirurgia. Estive lá 4 anos. Aqui ganhei grande experiência. Quando regressei, veio-nos à ideia pormos em prática as ideias do escritor russo. Os doentes, em vez de frequentarem os consultórios fora, passaram a ser tratados aqui, no Telhal. Os familiares começaram a deixar de ter vergonha de ter doentes mentais e começaram a fazer as suas visitas aos doentes aqui internados. O Dr. Cebola, tendo atingido o limite de idade, foi substituído pelo Dr. Polónio. Veio, depois, o dr. Mateus, cirurgião, o Dr. Meira e tantos outros. E alargou-se o apoio médico...

A. - Então a Clínica vem daí...

I.C. - Sim, veio a construção da Clínica onde se fazia toda a espécie de tratamentos, operações e análises. Passámos a estender as consultas externas às várias especialidades médicas. E os doentes passaram a ser tratados não só da doença mental, mas de todas as doenças.

A. - Haveria necessidade, também, de não se descurar outra coisa importante - a parte de enfermagem...

I.C. - A Clínica estava a funcionar a cem por cento. E teve que se criar uma Escola Oficial de Enfermagem. A Clínica, assim, era indispensável para os alunos de enfermagem estagiarem. Recebeu alvará, estávamos aí por 1947, mais ou menos. Primeiro, recebeu só Irmãos e, depois, passou a receber alunos externos.

A. - Que funções exercia no quadro deste espírito renovador?



Enfermagem e nela leccionava a cadeira de Moral e Técnica de Enfermagem.

A. - Mas houve, também, não sei se antes, se depois, outra Escola, também oficializada...

I.C. - Foi a 'Escola - Aspirantado', criada em 1926 e o seu estatuto consistia em formar escolarmente os jovens com vista à sua entrada nos vários graus da Ordem. Funcionou vários anos, em edifício próprio, com alunos até ao antigo 5º ano, com base nos programas oficiais dos Liceus.

A. - Duas Escolas que marcaram muitos Irmãos e muitos ex-alunos os quais, com os seus diplomas, facilmente ingressaram no mercado de trabalho, dando uma boa imagem da Escola em que se formaram.

I.C. - É verdade. Faz bem em realçar isso. Quanto às Consultas Externas e à Clínica, de que já falei, devo dizer que a Providência zelou tanto, que nunca tivemos nenhum caso aborrecido.

A. - Apesar disso, a Clínica fechou e as Consultas Externas tendem a acabar...

I.C. - Ainda restam o dentista, o otorrino, a oftalmologia. O RX está desactivado.

A. - Já disse que estive for a do Telhal, em Ponta Delgada. Acontece que no dia 16 de Outubro de 1971, para grande surpresa minha, fui encontrá-lo em Roma, na Ilha Tiberina. Que fazia aí?

I.C. - Fui para lá em 1971 e estive até 1974. Estive na Secção de Estomatologia.. A equipa era constituída por 8 médicos a tempo inteiro. Havia dias que atendíamos mil doentes.

A. - Sei que aí se notabilizou pelo seu amor aos doentes e pelo seu profissionalismo.

I.C. - Houve uma altura, depois de ter chegado ao Telhal, que era disputado pelos superiores de Roma e de Portugal. Mas acabei por ficar no Telhal.

A. - Que época lhe é mais grato recordar?

I.C. - Foi a época do bom funcionamento da Escola de Enfermagem e da Clínica. Hoje não sei como conseguia aguentar tanto trabalho e tanta responsabilidade.

A. - Eu conheci-o bem nessa época de ouro e sempre lhe admirei as qualidades humanas e as profissionais. Sempre o considerei um «relações públicas» ideal, sempre com um sorriso carinhoso nos lábios, sempre disponível e sempre optimista, face a todas as circunstâncias, às vezes, pouco animadoras, da parte dos doentes.

I.C. - Não fui mais do que um instrumento nas mãos de Deus. Deus é que fez, é que me inspirou. Deus, quando quer fazer uma coisa grande, vai buscar gente sem grandes diplomas. Assim fica mais à vista o amor de Deus. Eu em Roma era um empírico, não tinha curso nenhum.

A. - Mas a que propósito se encontrava em

Roma, nessa altura?

I.C. - Nessa altura, a Ilha Tiberina era internacional e todas as Províncias da Ordem dos vários países tinham de dar para lá elementos. Escolheram-me a mim. E o curioso é que a estomatologia estava na iminência de fechar e, a partir da minha chegada, não nego que para isso teria contribuído bastante, passou a ser o esteio do Hospital. Chegámos a atender mil doentes por dia. Quando souberam do meu regresso a Portugal, diziam-me as empregadas do Hospital lastimosas: 'O senhor não vai a Portugal, o senhor vai para Portugal.' E vim. Para não mais voltar a sair.

A. - Dado que tem já a bonita idade de 85 anos, como ocupa o seu tempo, agora?

I.C. - Ainda me encontro no activo porque Deus me tem dado saúde, forças e vontade de trabalhar. Se antes eram os médicos que vinham ao Telhal, a cuidar dos nossos doentes, segundo o programa do nosso escritor russo, agora passo os meus dias a levar os doentes aos consultórios médicos e aos hospitais.



## MENSAGEM

À semelhança do ano anterior, o boletim, agora a entrar no seu segundo ano de edição, chegará até aos nossos associados num período especial para todas as Famílias – na Quadra Natalícia – em que o ensejo é de nos juntarmos para festejar o Natal e aproveitarmos para, em conjunto, fazermos um balanço do ano que finda e, se possível, planearmos acções para o novo ano.

É o momento ideal para nos associarmos a todos, gabelenses e não só, para desejarmos um NATAL FELIZ e que o ANO NOVO nos traga a prosperidade que desejamos.

SÃO OS NOSSOS SINCEROS VOTOS

A Direcção



# FESTIVAL DESPORTIVO

Com este título se transcreve o texto de um destacável que fazia a divulgação de um programa desportivo que ocorreu no sábado, 8-6-1974, às 15.30 horas no Campo do ARA, na Gabela. Disputaram-se três jogos: Futebol de Salão Feminino: 4º ano - Misto Liceu; Basquetebol: 5º ano - 6º ano; Futebol de salão masculino: Liceu - Misto. Uma organização dos Finalistas do Liceu Nacional Pedro Alexandrino da Cunha - GABELA.

Com estas actividades desportivas atingiam-se dois objectivos: angariavam-se fundos para benefício dos alunos e era uma boa maneira de fomentar o desporto e passar o tempo, dando-se uma vida alegre à cidade. Os assistentes eram sempre muitos porque havia a preocupação de fazer o cruzamento de escolas - Liceu-Escola Técnica, de sexos - rapazes contra raparigas, de idades - jovens escolares contra professores/as e de equipas mistas. O entusiasmo cláquico encarregava-se de dar aos jogos o seu ambiente acalorado de disputa e de festa.

As QUADRAS - 24 ao todo, foi um processo próprio de angariamento de fundos. E dão uma ideia específica das actividades comerciais, pon-do em realce um ou vários produtos de excelência de cada Casa publicitada, oferecidos aos clientes. A sua inclusão nesta edição da Revista é uma boa maneira de recordar esses recuados e saudosos tempos! A bonita idade das alunas e dos alunos finalistas andava, na altura, à volta de 18 anos. Hoje, volvidos 24 anos sobre os acontecimentos evocados, encontram-se na saída dos quarenta e têm a sua vida já organizada. Bonita idade!

Escusas de argumentar.  
Eu tenho cá, para mim:  
Em pneus só há uma Casa,  
- RECAUCHUTAGEM DO AMBOIM!

Para descasque de café,  
Na técnica é o primeiro:  
Encomende a sua máquina  
À Oficina SILVA & RIBEIRO.

Nunca fui ambicioso,  
Mas só esta coisa eu queria:  
Que vendesse de tudo, tudo,  
LAMBELHO VAZ MERCEARIA.

Se quiser ser bem servida,  
Procure fazer assim:  
Compre tecidos e mercearia  
Só na CASA MANDARIM.

Na LIVRARIA MESQUITA  
Dizes que nada havia?  
Há livros, papéis, revistas  
E soma de simpatia.

Baterias TUDOR, SHELLGAZ,  
Transportes e boa - viagem,  
FRANCISCO MARTINS CORDEIRO,  
INDÚSTRIA DE CAMIONAGEM.

O RESTAURANTE AQUÁRIO  
É o único que pode convir:  
Em comidas e bebidas  
Tem fama de bem servir.

O ouro não desvaloriza,  
Com ele, eu sempre me escudo;  
Com horas da TIC-TAC  
Consigo ter tempo p'ra tudo.

«Mais seguro, mais fururo»,  
Eis da vida a real mola.  
Prefira a SEGURADORA  
COMPANHIA DE SEGUROS ANGOLA.

Dizem que a vida está cara,  
Que anda pelo mundo faminto.  
É que não gasta da MERCEARIA  
De ABÍLIO COELHO PINTO.

A profilaxia dos campos  
É dum efeito espantoso,  
Se comprar os Insecticidas  
Na CASA MANUAL JOÃO VELOSO.

Já percorri todas as casas  
De acessórios de locomoção.  
Só na AUTO UNIVERSAL  
Satisfiz minha pretensão.

Se quer uma vida de conforto  
E caminhar sempre em frente,  
BAPTISTA VAZ, meus senhores,  
É a Loja de toda a gente.

Não saber escolher a Casa  
Provoca casos fortuitos.  
Com a ELÉCTRICA DO AMBOIM  
Nunca há curtos-circuitos.

Dos electro-domésticos que tenho  
Só uma coisa me dana:  
É não ter comprado todos  
Só na CASA AMERICANA.

- Fazem bicha e empurram-se...  
Que Casa vem a ser aquela?  
- Todos querem ser aviados  
No CENTRO COMERCIAL DA GABELA.

Dentre todas as Seguradoras,  
Ela é a que dita e governa;  
CONFIANÇA E MUNDIAL DE ANGOLA  
Faz seguros de... vida eterna!

Esgotaram-se os «stoks»?  
Há perigo de derrocada?  
Tenham calma e procurem  
DUARTE E MARTINS LIMITADA.

- Milagre! Estou mais bonita!  
De cara, pareço um tubil!

- Não é milagre, ó Cellta,  
São artes da FOTO CAMII!

Deite fora os seus 'trastes',  
Depressa, corra à MADAG  
Encomendar as suas mobílias,  
- Não há dinheiro que as pague!

Não sabia como fazer,  
Andei anos e... num momento,  
Fui ao SALÃO MARIAZINHA,  
Arranjei logo... casamento!

A minha namorada Dina  
Conquistei-a deste jeltinho:  
Dei-lhe bolos de A ESTUDANTINA,  
Ficou presa pelo beicinho!

Quer viajar de avião?  
Precisa sair da Gabela?  
Dirija-se à AGÊNCIA DE VIAGENS  
Da CASA GOMES E CANCELA.

Porque sou uma aluna distinta  
E dou alegria aos meus pais?  
Compro na LIVRARIA ACADÊMICA  
Todos os livros, - nada mais!

Na contra-capa deste folheto vinha a «  
Relação dos Finalistas do Liceu - Ano lectivo de  
1973/74». Estes alunos tinham, na altura, à volta  
de 18 anos. Passados 24 anos sobre o evento,

Ano de '977

Adriana do Céu Ferreira  
Ana Paula da Silva Couto  
António José Lopes  
Bernardino dos Santos Fonseca  
Dina Sousa Rocha  
Fernando Lourenço Silva Santos  
Francisco José Lopes  
Graça Maria dos Santos Trindade  
João Carlos de Sá Oliveira Correia  
José Alfredo Perfeito Brardo  
Ludovina dos Santos Fonseca  
Luís Filipe Ferreira Pires Pereira  
Luís Manuel Costa  
Manuel Neto Melro  
Maria Celeste da Costa Mateus  
Maria Clara Ferro Curado  
Maria de Fátima Isabel Ferreira Cancela  
Maria do Amparo Legoinha Pacheco  
Maria do Carmo Santos Valente  
Maria do Rosário de Fátima G. de Almeida  
Maria Fernanda Contins Teixeira  
Maria Isabel Pereira da Silva  
Maria Suzete Nobre Branquinho  
Maria Teresa Vaz Abrantes Costa  
Mário Rui Cardoso Duarte  
Victor Manuel Relvas Coelho Rodrigues  
Virgílio Maria Pina Rocha  
Virgílio Pereira Tavares da Silva

ARTUR NETO GONÇALVES  
Ex-Reitor do Liceu da Gabela